

LOS PERROS DEL PARAÍSO (1987), DE ABEL POSSE: UM ENCONTRO ENTRE DUAS CIVILIZAÇÕES VISTO SOB A PERSPECTIVA DO NOVO ROMANCE HISTÓRICO

COUTO, Fernanda Cristina (PG – UNIPAN)I

RESUMO: O estudo volta-se para uma leitura de *Los perros del paraíso* (1983), romance histórico contemporâneo do argentino Abel Posse, que apresenta uma das mais instigantes releituras ficcionais do descobrimento da América. O romance a ser abordado apresenta o descobrimento da América por meio de múltiplas perspectivas, sendo que a história oficial registrou tal evento apenas por meio da visão do descobridor. Cristóvão Colombo, protagonista das ações históricas e personagem ficcionalizado no romance, é discursivamente configurado pelo narrador de forma que as imagens romanescas do Almirante diferem completamente das conhecidas historicamente. Os primeiros anos de Colombo não são registrados pela história, mas na obra de Posse, regida pela liberdade da ficção, eles são descritos com vivacidade, gerando a imagem de um homem escolhido por Deus para uma grande missão. O objetivo deste estudo é evidenciar estas caracterizações da personagem Cristóvão Colombo no romance, construídas principalmente pelo emprego da carnavalização e da paródia. Resultados destas estratégias narrativas resultam na caricaturização do personagem e no questionamento crítico das “verdades” registradas sobre suas ações.

PALAVRAS-CHAVE: Romance histórico hispano-americano contemporâneo; poética do descobrimento; *Los perros del paraíso* (1983).

RESUMEN: Este trabajo propone hacer una lectura de *Los perros de paraíso* (1983), novela histórica contemporánea del argentino Abel Posse, que presenta una de las más grandiosas relecturas ficcionales del descubrimiento de América. Esta novela presenta el descubrimiento de América por medio de múltiples perspectivas, siendo que la historia oficial registró este evento apenas por medio de la visión del descubridor. Cristóbal Colón, protagonista de las acciones históricas y personaje ficcionalizado en la novela, es discursivamente configurado por el narrador de forma que las imágenes novelescas del Almirante se distinguen completamente de las conocidas históricamente. Los primeros años de Colón no son registrados por la historia, pero en la obra de Posse, regida por la libertad de la ficción, ellos son descriptos con vivacidad, creando (no es que generando esté equivocado, pero “crear” acá me parece más adecuado) la imagen de un hombre escogido por Dios para una gran misión. El objetivo de este estudio es evidenciar estas caracterizaciones del personaje Cristóbal Colón en la novela, construidas principalmente por el empleo de la carnavalización y de la parodia. Resultados de estas estrategias narrativas resultan en caricaturización del personaje y en cuestionamiento crítico de las “verdades” registradas sobre sus acciones.

PALABRAS CLAVE: Novela histórica hispanoamericana contemporánea; poética del descubrimiento; *Los perros del paraíso* (1983).

O romance *Los perros del paraíso* (1983) é marcado pela presença de personagens históricos pertencentes ao momento do descobrimento da América e ainda outros que viveram em tempos distintos, inseridos na trama novelesca e identificados pelas alusões muito próximas a seus nomes, como Marx, Emanuel Swedenborg e Nietzsche. Ficcionalizados estes acompanham Cristóvão Colombo em sua viagem em direção ao novo continente. A presença de muitas anacronias como estas, inseridas na tessitura do romance de Posse (1983), conferem à sua obra um tom especial de crítica, pois elas se constituem em estratégias para rever ideologias que se repetem na história, já que esta possui, segundo as prerrogativas que regem o novo romance histórico, caráter cíclico. Menton (1993), menciona em seus estudos sobre o novo romance histórico a atitude de Posse em reconstruir este passado, mencionando:

[...] *además del paralelismo poco disfrazado con la dictadura argentina, Los perros del paraíso subraya más el paralelismo entre la conquista española y el imperialismo norteamericano del siglo XX, el nazismo y otras formas de tiranía o explotación* (MENTON, 1993, p. 107).

Efeitos, estes, conseguidos por meio do emprego das novas estratégias narrativas típicas dos novos romances históricos. Embora o foco da obra seja o protagonista Cristóvão Colombo, cuja existência é recriada desde seu nascimento até o descobrimento da América, a obra faz referências a outros momentos históricos, inclusive conforme cita Menton (1993), da Argentina com alusões a Evita, a Borges e a Juan Perón.

Esse diálogo produzido por Posse entre literatura e história, e principalmente a sua releitura da história oficial da América com um olhar crítico, dando voz ao que foi repudiado pela história, faz com que seu romance seja caracterizado, como comenta Esteves (1998), dentro do contexto das produções do novo romance histórico latino-americano. A literatura hispano-americana passou a tratar a história de forma diferenciada ao insertá-la em suas criações romanesca a partir das décadas de 70 e 80 do século XX, dando destaque à produções regidas pelo discurso paródico, caindo na sátira, no grotesco e na carnavalização. Todos estes recursos tornaram-se, a partir daí, novas maneiras de rever a história hegemônica e maniqueísta sob a qual o passado histórico de nosso continente foi registrado.

Fernando Aínsa (1991, p. 85) discute as principais características observadas nos romances históricos hispano-americanos a partir da década de 70 do século XX e menciona que

la escritura paródica nos da, tal vez, la clave en que se puede sintetizar la nueva narrativa histórica. La historiografía, al ceder a la mirada demoledora de la parodia, a la distancia crítica del descreimiento novelesco que transparente el humor, cuando no el grotesco, permite recuperar la olvidada condición humana.

Essas são possibilidades que, na arte literária de Posse (1983), encontram totais condições de existência.

Dentre as características elencadas por Ainsa (1991), destacamos a natureza aberta dos novos romances históricos que permite a aproximação do passado de maneira dialógica; a superposição de tempos históricos diferentes, a fim de eliminar a distância épica e aproximar as relações de causa e consequência dos fatos históricos. Assim, romances como *Los perros del paraíso* tornam-se releituras críticas da história, efetuadas por meio da paródia e da carnavalização, sendo que nesses romances não existe uma só verdade, pois, a polifonia e o poliperspectivismo presentes em suas tessituras asseguram a multiplicidade de visões e interpretações do passado. São obras que visam suprir as deficiências da história tradicional, escrita apenas pelos vencedores.

Publicada por primeira vez em 1983, esta narrativa híbrida de história e ficção mostra por uma parte a união de Isabel e Fernando, ato político que visa o crescimento econômico. Entretanto, ao longo do romance o narrador dedica-se, principalmente, à descrição da união sexual dos reis, que ocorre em vários momentos. Segundo Nascimento (1993, p. 27), “os reis católicos simbolizam o Eros que se reconstrói através da carnavalização do desejo de poder. A posse física e política é a tônica do comportamento erótico dos monarcas”. Logo, a ascensão de Isabel e Fernando ao poder, segundo o discurso ficcional perceptível no romance, deu-se devido ao desejo sexual entre os dois, como nota-se nesta passagem: “[...] *resulta bien claro que la unión de aquellas fuerzas, compelidas por una cósmica eroticidad, tendría por resultante una mutación política, económica y social sin precedentes*”. (POSSE, 1983, p. 51).

Posse é um autor que defende a ideia de que o fator erótico foi determinante em toda a história do descobrimento, conquista e colonização da América. O romancista, ao abordar a questão do descobrimento da América em sua mais recente obra *La santa locura de los Argentinos* (2007), menciona: “*El grupo ibérico actuó como un verdadero banco de espermatozoides que reparó – por vía erótica y genital – el genocidio imperial*”. (POSSE, 2007, p. 21-24). O erotismo exacerbado presente na obra busca, pois, revelar este lado sempre oculto pelas Cartas, Crônicas e outros registros oficiais efetuados pelos representantes da coroa espanhola quando de suas aventuras em solo americano.

Paralelamente, narra-se as desventuras de Colombo, em sua perseguição ao paraíso terrenal. Sua infância nebulosa, quase nunca abordada pela história, é narrada com detalhes no romance que vale-se das prerrogativas da liberdade de imaginação e preenche as lacunas deixadas pelos registros oficiais. Assim, o narrador revela:

Los años de la infancia de Cristóforo fueron la clave de su fuerza. Sin peste, sin duques victoriosos o imperiales. El niño creció en brazos de la torpe tradición familiar y las noticias % no convendría hablar de educación % de parroquia.

Toda a trajetória de vida da personagem recebe, pelo discurso ficcional, um tratamento irônico, com uma linguagem marcada pela heteroglossia. A carnavalização, paródia, polifonia e intertextualidade bakhtinianos são as constantes ao longo da narrativa. Além disso, é importante ressaltar as simbologias presentes na obra. A principal delas é que remete ao título da obra diz respeito a constante presença de cães, nativos e espanhóis, que acompanham as aventuras do Almirante. Estes adquirem grande simbologia na obra, pois alguns são apresentados como cães nativos dóceis, inocentes e incapazes de praticar o mal; outros são cães espanhóis, ferozes caçadores que capturavam os nativos.

Segundo Milton (1991, p. 97) o título da obra é uma “metáfora del acto de devoración de la entidad americana imaginada”, representa assim, o momento da narrativa em que a realidade toma frente a ficção, ocorre quando Colombo começa a ser contrariado com suas idéias de que a terra encontrada era o paraíso, e que os índios eram os anjos: “*después de unos días la nostalgia del pecado y del Mal hizo que todo resultase aburrido*” (POSSE, 1983, p. 222). A princípio Colombo impõe um estilo de vida sem pecado, como imaginavam o paraíso, uma vida sem trabalho, em que não há a vergonha e por isso andam nus. Entretanto, alguns começam a contrariar as ordens de Colombo, dominando assim, os interesses econômicos e eróticos: “*los intereses económicos y eróticos conjugados estaban en la base de la acción*”. (POSEE, 1983, p. 226), afirma o narrador que busca sempre evidenciar causas e conseqüências dos atos perpetrados pelos conquistadores.

A simbiose entre os dois mundos que se confrontaram em Ganahaní, em 12 de outubro de 1492, é também aludida, revelando, assim, um mútuo conhecimento um do outro. Este conhecimento é, porém, simbolizado pelos dejetos produzidos por ambas as civilizações. Estas são alusões já ao intrincado processo de sincretismo, mestiçagem e fusões que deste encontro resultariam, como se pode observar na seguinte passagem:

Los aztecas, modestos navegantes, se los cruzaron repetidamente [...]. Una laguna inmóvil dentro del mar donde flotaban desechos de ambos mundos: una pipa ceremonial, un perro fox-terrier inflado como un odre, un bastón de curaca, varias de esas tripas anudadas que inventara lord Condom [...] un rosario con cruz y bolas de madera [...]. (POSSE, 1983, p. 34).

O encontro dos nativos americanos com os objetos dos futuros conquistadores serve para sugerir que os nativos astecas já sabiam da existência de outro continente. Tal intuição é comprovada quando o narrador descreve uma das reuniões dos astecas, os quais já se preparavam para a chegada dos homens brancos que

viriam do oeste. A linguagem carregada de ironia e sátira aponta para a desmistificação do heroísmo de Colombo e pela sua ousadia em cruzar o Atlântico:

% Uno de nuestros globos llegó a Düsseldorf. Son hombres pálidos, aparentemente desdichados % aseguró con distante desinterés.

[...]

Los ideogramas no retienen el último intento del tecuhtli, político practicón, para convencer a Huamán:

% Señor! mejor será que los almorcemos antes que los blanquiñosos nos cenem....! (POSSE, 1983, p. 35).

Com este fragmento se percebe que a narrativa dá voz aos nativos para revelar que a visão européia da história não é a única. Existe agora o parecer dos conquistados, os quais já haviam descoberto a Europa antes mesmo da chegada dos espanhóis à América. No entanto, os autóctones americanos, renunciaram a conquista desse continente, pois os europeus são vistos por eles como seres “desdichados”, ou seja, homens de má sorte e desgraçados. Já os espanhóis, equivocados em sua localização, ficaram empolgados com as novas terras que possuem riquezas e corpos de índias.

Embora Colombo visse a nova terra como o paraíso terrenal e os nativos como anjos, tentando começar naquela terra um estilo de vida centrado na harmonia com a natureza e os homens, como nota-se na seguinte passagem da obra com a metáfora da nudez: “% ¡Ponerse desnudos! ¡Todos desnudos! No mancillemos el Jardín de Jehová con vestimentas que sólo recuerdan la miseria de la caída y el castigo de la vergüenza.” (POSSE, 1983, p. 211), não conseguiu mudar o destino da América, o qual, assim como na história, é marcado na obra romanesca pela exploração da terra e dos homens que nela viviam.

Colocar em dúvida o que a história oficial registra é uma das características do romance histórico contemporâneo e conseqüentemente desta obra de Posse que apresenta uma imagem do navegante Cristóvão Colombo bastante diferente da conhecida historicamente. O Colombo ficcionalizado, por meio de suas ações revela as características de um homem ambicioso: “El joven se negaba al sombrío ejercicio de la sastrería. Tampoco quería ser cardador, ni quesoero, ni tabernero. Esas posibilidades sensatas que le proponía la realidad” (POSSE, 1983, p. 19). Durante a descrição da infância de Colombo nota-se muito a presença do mar, do contato de Colombo com o mar. Até mesmo em um momento da narração o mar fala com Colombo chamando-o: “La voz del mar susurraba en verso. Lo llamaba. Clarísimamente escandía: % Coó-lón – Cooo-lón” (POSSE, 1983, p. 20).

A realização de Colombo não era a busca e o encontro com a riqueza, e sim a busca do paraíso. Essa característica da personagem é evidenciada em vários momentos da obra, inclusive durante a narração da infância de Colombo: “*Él, en cambio, descendiente de Isaías como se sabía, solo buscaba la mutación esencial, la única: el retorno al Paraíso, al lugar sin muerte*”. (POSSE, 1983, p. 109). Colombo acredita na existência do Paraíso, e ao se deparar com América fica convencido de que esta terra é o Paraíso: “*Sintió que había llegado al final de la tribulación. En sus rodillas, el calor acogedor de esas arenas del Paraíso de Abrahan [...]*” (POSSE, 1983, p. 205).

Nesse sentido, como afirma Pulgarin (1995), a maravilha do descobrimento da América neste romance de Posse não se deve às riquezas da terra e ao retorno financeiro que a mesma pode dar a Espanha, e sim o “[...] *prodigio de una nueva espiritualidad, la tierra como paraíso*” (PULGARIN, 1995, p.72). O tão conhecido pensamento de buscar novas terras e riquezas, na obra, é apenas um pretexto para alcançar o paraíso. Um discurso que, embora bastante satirizado, se irmana com as teses de Todorov (1983), expressas em sua obra *A conquista da América*; a questão do outro, de que a razão principal que motivava o Colombo histórico era a sua profunda religiosidade e a busca por riquezas, neste sentido, tornava-se secundário: Todorov (1983, p. 9-10), na obra citada, registra:

Ao ler os escritos de Colombo [...] poderíamos ter a impressão de que seu motivo principal é o desejo de enriquecer [...]. O ouro, ou melhor, a procura deste [...] está onipresente no decorrer da primeira viagem. [...] Será que foi mera ambição o que levou Colombo a viajar? Basta ler todos os seus escritos para ficar convencido de que não foi nada disso. [...]. A vitória universal do cristianismo é o que anima Colombo [...].

Já em terras do novo continente, ou no próprio paraíso como acreditava Colombo, inicia-se a busca pela árvore da vida, pois, segundo Deus “*al que venciere le dará de comer del Árbol de la Vida que está en el Paraíso*.” (POSSE, 1983, p. 206). O ponto culminante da busca de Colombo é quando encontra a tal “*árvore da vida: “el Almirante dio una vuelta en torno al tronco y luego , ordenó se acampase”* (POSSE, 1983, p. 213). A partir deste momento começa a “*Ordenanza de Desnudez*” de Colombo.

Essa passagem do romance remete às imagens paradisíacas que Colombo registrou em seu Diário de bordo logo de sua chegada ao continente americano. Foi desse modo que se formaram as primeiras imagens da terra e do homem americano no fabuloso imaginário europeu do final do século XV e que são trazidas à tona na reescritura paródica de Abel Posse. Vale a pena resgatar algumas destas imagens reconfiguradas por Las Casas no Diário de bordo de Colombo:

[...] llegaron a una isleta de los lucayos, que se llamava en lengua de indios Guanahaní. Luego vieron gente desnuda, y el Almirante salió a tierra [...]. 'Yo', dize él, 'porque cognoçi que era gente que mejor se libraría y convertiría a nuestra sancta fe con amor que no por fuerça, les di a algunos d'ellos unos bonetes colorados y unas cuentas de vidrio que se ponían al pescueço, y otras cosas muchas de poco valor, con que ovieron mucho plazer y quedaron tanto nuestros que era maravilla. [...]. Ellos andaban todos desnudos como su madre les parió [...] muy bien hechos, de muy hermosos cuerpos y muy buenas caras, los cabellos gruesos cuasi como sedas de cola de cavallos e cortos. [...]. D'ellos se pintan de prieto, y d'ellos son de la color de los canarios, ni negros ni blancos [...]. Ellos no traen armas ni las conocen, porque les mostré espadas y las tomavan por el filo y se cortavan con ignorancia. No tienen algún fierro; sus azagayas son unas varas sin fierro y algunas d'ellas tienen al cabo un diente de peçe, y otras de otras cosas. Ellos deben ser buenos servidores y de buen ingenio [...] Y creo que ligeramente se harían cristianos. [...] llevaré de aquí al tiempo de mi partida seis a Vuestras Altezas para que deprendan hablar. Ninguna bestia de ninguna manera vide, salvo papagayos en esta isla'. Todas son palabras del Almirante. (VARELA, 1986, p. 62-63).

Revelam-se, nestas “palavras do Almirante”, além das primeiras impressões do próprio viajante, algumas das intenções prioritárias de sua viagem – o comércio e a catequização –, assim como se explicita os destinatários do relato – os Reis Católicos Fernando e Isabel. Os recursos utilizados pelo viajante são também mencionados por Milton (1992, p. 177) ao registrar que “o Diário se edifica sob o signo de uma qualificação estética maximalista, isto é, a ‘maravilha’ marcada no plano lingüístico por uma profusão de adjetivos e advérbios de intensidade, além de metáforas e imagens que designam e comparam, tornando o desconhecido ‘legível’”. Diante desse paraíso, a personagem do romance de Posse assume uma atitude inusitada.

Assim, Colombo se afasta dos companheiros e do mundo em geral, ele experimenta o retorno a uma condição que precede o pecado e os sofrimentos humanos: “*el Almirante descansaba no de un penoso viaje sino de la fatiga de siglos de moribundia.*” (POSSE, 1983, p. 214). A idéia de que está no paraíso toma conta de sua mente a ponto dele não saber mais o que quer dizer juventude, velhice, morte e há quanto tempo ele está no paraíso:

Resultaba evidente que el Almirante había sufrido una mutación ya probablemente sin retorno. La conciencia racional, característica de los 'hombres del espíritu' de Occidente, lo había abandonado. (POSSE, 1983, p. 243).

Os próprios índios viam Colombo como um delirante, que não precisa de drogas para perder a razão: “*los hechiceros tainos juzgaron que no necesitaba*

drogas: su capacidad interna de secreción de delírio era perfecta, tal vez de un nivel tan alto como la del rey-poeta Nezahualcoyotl." (POSSE, 1983, p. 244). Para os índios, Colombo não tinha a mesma conduta dos outros marinheiros, ele não tinha expectativas e nem desesperanças, e ainda se alimentava do que caía das árvores.

Além de Colombo, ninguém olhava a nova terra como o Paraíso. As ordens de Colombo não são seguidas. Para ele o amor deveria ser sem ressentimento e voracidade, mas, os homens não seguravam o desejo carnal diante dos anjos nus: "[...] *alzaban tambaleando para correr una vez más a las ángeles y tumbarlas entre las dunas.*" (POSSE, 1983, p. 221). Até mesmo os padres discutiam a idéia equivocada de paraíso: "*es cosa suya tenerlos por ángeles. No creo que los ángeles anden orinando sin buscar rincones [...]*". (POSSE, 1983, p. 208). O padre também o faz perceber os canibais, mas o "cego" Colombo termina a conversa dizendo que devemos lembrar aos índios "[...] *que el Señor recomendó que coman frutas. Frutas que purifican la sangre en lugar de esos guisos de carne que desvían los apetitos.*" (POSSE, 1983, p. 210). A carnavalização das imagens históricas de herói conquistador transformam-se em inéditas imagens de "desfrutador do paraíso".

A idéia de Paraíso é constante em Colombo, nas palavras de Nascimento (1993, p. 41) Colombo "[...] já não tem olhos mundanos e não enxerga que o Paraíso está destruído e saqueado com seus anjos-cães que, silenciosos, percebem e sofrem a crueldade dos deuses barbudos". Ao reverso da história, Colombo é mostrado como ser pacífico, incorruptível, ingênuo a ponto de não se dar por conta que seu grande sonho está sendo, por negligência sua, destruído por seus companheiros.

Com seu isolamento psicológico Colombo não percebe a conspiração organizada pelos espanhóis, que não estavam satisfeitos com a vida proposta por Colombo: "*la gente que los acompañó al comienzo ya los había abandonado. Preferían la pajamulta de la vida*" (POSSE, 1983, p. 242). Eles preferem dominar a terra e o povo com violência, e assim, se aproveitar da riqueza e das índias: "[...] *después del breve sobresalto de las Ordenanzas, estaban de nuevo cómodos en la explotación [...]*" (POSSE, 1983, p. 251). Posse cria um Colombo isento da culpa de exploração do novo mundo, os culpados são os seus acompanhantes, outros espanhóis e não Colombo, que defendeu até o final os "anjos" da nova terra. O processo de leitura ao revés, proposto pela obra, acentua seu tom de crítica e denúncia.

A crença de que a América era o paraíso se acaba definitivamente com a morte de Isabel, a qual juntamente com Colombo acreditava no retorno ao paraíso: "*Abandonaba para siempre la secta de los buscadores de Paraíso Terrenal.*" (POSSE, 1983, p. 248). Fernando cheio de dor pela morte do filho e da mulher "[...] *inclinó a pensar en 'la maldición de América'*". (POSSE, 1983, p. 248). Soube das

atitudes de Colombo no novo continente, e assinou a ordem de capturá-lo. O protagonista é levado para a Espanha, e como explica Nascimento (1993, p. 42) “e ao Paraíso só lhe resta o saque, os sacrifícios e os cães bastardos que se espalham pelas planícies e montanhas”.

Colombo “É um novo messias amoral, mas que, novamente, põe tudo a perder” (NASCIMENTO, 1993, p. 50). A ambigüidade está presente na configuração da personagem. Para conseguir o patrocínio da viagem, oferece seu projeto a qualquer reino, e ainda se casa por interesse com Felipa “[...] *niña de la mejor sociedad* [...]”. (POSSE, 1983, p. 76), também é revelado como um grande homem, um messias, descendente de Isaías que busca o Paraíso. As imagens contraditórias de Colombo levam, pois, o leitor a uma leitura crítica da história e da própria ficção.

Os procedimentos narrativos utilizados pelos romancistas hispano-americanos, como vimos no exemplo de *Perros del Paraíso* de Abel Posse, ancorados especialmente na paródia, na carnavalização e na intertextualidade, ensejam outras possibilidades de leitura do passado que uniu europeus e autóctones americanos, desvinciliando-se do discurso histórico positivista que registrou esse evento. Na opinião de Fernández Prieto (2003, p. 156) a “outra” história do descobrimento e da conquista, com suas versões e interpretações, imagens e entonações próprias de conquistados, seguia pendente, e um dos meios possíveis para expressá-las foi encontrada pelos romancistas, pois, nessas obras, “[...] *los escritores buscaron las vías para dar voz a esa memoria viva de sus pueblos y para exponer no sólo lo que significó para ellos la llegada de los españoles y los europeos, sino también lo que pensaban de aquella civilización que destruyó su mundo y su cultura. Y una de estas vías la encontraron en la novela histórica*”. Uma prática presente, portanto, na releitura proposta por Abel Posse.

NOTAS

- ¹ Graduada em Letras Português/Espanhol pela UNIOESTE-Cascavel. Especialista em Língua e Literatura espanhola pela UNIPAN-Cascavel.

REFERÊNCIAS

AlÍNSA, F. La Nueva Novela Histórica Latinoamericana. *Plural*, 240 (82-85), 1991.

ESTEVES, A. R. O novo romance histórico brasileiro. In: ANTUNES, Zeni Letízio. *Estudos de literatura e história*. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.

FERNÁNDEZ PRIETO, C. *Historia y novela: poética de la novela histórica*. 2. ed. Barañáin, Navarra: EUNSA, 2003.

MENTON, S. *La nueva novela histórica de la América Latina: 1979-1992*. México D. F: Fondo de Cultura Económica, 1993.

MILTON, Heloísa Costa. *El reverso de la utopía americana: Los perros del Paraíso, de Abel Posse*. In: IV CONBRAPES – Curitiba – APEEPR, p. 93 – 99, 1991.

NASCIMENTO, Jorge Luiz do. *A história e a ficção: Os discursos complementados em El arpa y la sombra, de Alejo Carpentier e Los perros del paraíso, de Abel Posse*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993. (Dissertação de mestrado)

POSSE, A. *La santa locura de los argentinos*. Buenos Aires: Emecé, 2007.

POSSE, A. *Los perros del Paraíso*. 3.ed., Barcelona: Argos Vergara, 1983.

PULGARIN, Amália. *Metaficción historiográfica - La novela histórica en la narrativa hispánica pormodernista*. Espiral hispanoamericana, 1995.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. Trad. de Beatriz Perrone Moisés, 2. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1983.

VARELA, C. *Cristóbal Colón: los cuatro viajes. Testamento*. Madrid: Alianza, 1986.

Texto recebido em: 17.07.2009

Texto aprovado para publicação em 05.10.2009